

CRÍTICA SÓCIO-AMBIENTAL E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL, LIMITES DA EDUCAÇÃO INSTITUCIONALIZADA PARA UMA TRANSFORMAÇÃO RADICAL DO MODELO SOCIETÁRIO

PICCININI, Cláudia - clpiccini@gmail.com
NEVES, Rosa Maria Correa das

Resumo: Em estudo recente, buscamos entender como educadores ambientais relatam trajetórias de formação e de atuação profissional. Neste percurso, identificou-se nas memórias de um grupo de educadores ambientais um discurso acerca da "formação de consciência ambiental". A partir deste estudo, iniciamos uma nova fase investigativa, isto é, nos propomos a problematizar o alcance teórico e político relacionado ao discurso sobre a consciência e a possibilidade da educação/educação ambiental interferir nas transformações socioambientais. Partimos da contribuição de alguns autores do campo do marxismo que têm mostrado os limites da defesa de pedagogias críticas a partir da escola e da educação ambiental crítica. Este trabalho, de cunho teórico e analítico, ainda na fase de revisão e análise de perspectivas teóricas, pretende contribuir para conferir consistência ao debate crítico e transformador da educação ambiental.

Palavras-chave: consciência, pedagogia crítica, memoriais.

Abstract: In a recent study, we sought to understand how environmental educators report trajectories of training and professional performance. In this way, it was identified in the memories of a group of environmental educators a speech about the "formation of environmental awareness". From this study, we have begun a new investigative phase, that is, we propose to discuss the extent related to the theoretical and political discourse about consciousness and the possibility of education / environmental education interfere with social and environmental transformations. We start with the contribution of some authors in the field of marxism that have shown the limits of the critical pedagogies defense from the school and the critical environmental education. This work, theoretical and analytical, yet at the stage of review and analysis of theoretical perspectives, aims to help bring consistency to critical debate and transforming environmental education.

Keywords: awareness, critical pedagogy, memorialis.

Introduzindo a problemática

Mesmo os objetos da mais simples “certeza sensível” são-lhe apenas dados por meio do desenvolvimento social, da indústria e do intercâmbio comercial. A cerejeira, como é sabido, e bem assim quase todas as árvores de fruto, só há poucos séculos foi transplantada para a nossa zona por meio do *comércio*, e por isso só *por meio* desta ação de uma determinada sociedade num determinado tempo foi dada à “certeza sensível” de Feuerbach.

Marx e Engels, em *A ideologia alemã* (1845)

Em uma das pesquisas realizadas buscamos entender como educadores ambientais traçaram seus caminhos de formação e de atuação profissional. Interessávamos saber se pela via da educação nas condições sociais, culturais e econômicas da contemporaneidade estaria sendo formada uma nova intelectualidade no campo educacional. Pensávamos a partir de uma questão central - sobre a possibilidade efetiva de uma pedagogia crítica radical. Colocada sob a perspectiva socioambiental - a EA se constituiria como um pólo de luta contra o modelo capitalista em curso?

Tivemos como material empírico memoriais de 22 educadores ambientais, textos elaborados, escritos e disponibilizados pelos personagens centrais da pesquisa¹. Nos memoriais estão detalhados os percursos de formação e de atuação no campo profissional. A partir destes textos autobiográficos problematizamos as diversas escolhas realizadas ao longo de suas trajetórias profissionais.

A opção pela autobiografia, na forma de texto escrito, nos remeteu a diversas possibilidades, tais como: (i) relacionar história e memória; (ii) captar a atmosfera que envolve os sujeitos; (iii) captar o idealismo e escolhas das mais diversas ordens (imaginação, ética, aspiração); (iv) captar o diálogo do sujeito com seus interlocutores ao longo de uma sequência sócio-histórica, enfim, de buscar compreender a totalidade de ações e relações a que estão submetidos os personagens que acompanharemos ao longo deste trabalho.

A partir do diálogo com as fontes, que se orientou pela visão bakhtiniana de texto e de memória, estabeleceu-se uma visão de conjunto das narrativas, dimensão alcançada pelo cruzamento dos e entre os memoriais. Em tal perspectiva, o memorial não se constitui como um texto fechado em si mesmo, mas como uma narrativa que dialoga internamente e com a realidade ao seu redor. O material empírico encontra lugar

¹ Os memoriais foram produzidos para fins profissionais, isto é, foram produzidos para seleção em concursos de ingresso na carreira e/ ou ascensão funcional, ou ainda, para fins de ingresso em programas de pós-graduação. Nossos interlocutores foram “encontrados” e contatados por e-mail a partir de sua participação em eventos diversos do campo da EA, como o Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental – EPEA, os encontros da Associação Nacional de Pesquisa em Educação – ANPED, Encontro Regional de Ensino de Biologia- EREBIO e o Fórum de EA.

para a reflexão, como se fosse um momento de aprofundamento à parte, mas que se remete ao contexto das experiências vividas. Desse modo, a escolha teórica possibilitou medirmos a análise a partir de um referencial fundamentado no materialismo dialético de linguagem, capaz de compreendê-la nos seus aspectos sócio-históricos ideológicos e como acontecimento dialógico (Bakhtin, 1986, p. 62). Para Bakhtin,

“o pensamento das ciências humanas nasce como pensamento sobre pensamentos dos outros (...). Independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida (2003, p. 308).

Tendo construído uma compreensão abrangente do universo estudado foi possível problematizar as trajetórias de formação dos educadores ambientais e a constituição de um grupo sócio-profissional, tendo como referência discursos:

- (i) de ingresso na carreira, na formação inicial, na pós-graduação e no mundo do trabalho;
- (ii) sobre os *loci* de atuação;
- (iii) sobre prática política e funções assumidas em grupos;
- (iv) sobre interlocutores no processo de profissionalização;
- (v) sobre projeto de sociedade que buscam alcançar e
- (vi) sobre educação/EA, educador ambiental, entre outras de concepções mais gerais.

Além dessas visões, também foi possível verificar enunciados sobre contradições e críticas aos problemas vivenciados seja em seus cotidianos, seja em contextos mais gerais. Nesta direção, destacam-se referências à formação inicial, aos limites das ações de trabalho com a educação ambiental (EA), à relação teoria e prática, às limitações e avanços ao longo do próprio processo formativo, às dificuldades de atingir “princípios da EA” e às contradições implicadas na relação trabalho e formação. Por fim, retomou-se a visão de totalidade sobre o conjunto das memórias.

O estudo apontou que o processo de profissionalização dos memorialistas está marcado por históricos embates e dualismos do campo – disciplinar/interdisciplinar; discurso teórico/ experiência prática; graduação/pós-graduação; perspectiva crítica/ perspectiva tradicional, revelando, portanto, aspectos contraditórios da formação e do exercício da EA.

Deste rico acervo de relatos, estabelecemos algumas questões que constituem nossa problemática atual de investigação. No âmbito deste trabalho, expomos nossa análise sobre apenas um dos aspectos problematizados: o “discurso de construção da consciência” que nos impulsionou à fase seguinte da pesquisa de inflexão teórica. Tal discurso é apresentado de modo diverso, muitas vezes se estabelecendo através de etapas formativas - da graduação à pós-graduação. Nos memoriais, esta “preocupação” permanece alienada da práxis de alguns indivíduos²; ao passo que em outros, se

² Entendemos que permanece alienada das narrativas, visto que não se encontra no texto referências à mudanças. Segundo Bakhtin (2003), os não-ditos ou silêncios dos memoriais nos informam desta permanência.

apresenta relacionada à dimensão de realização de ações que buscam a transformação concreta da sociedade, estabelecendo-se em práxis e em novos nexos em relação às representações de homem-natureza. Em nossa análise, o discurso sobre possibilidades de mudanças de rumo “do mundo” ou “próprios”, através do conhecimento e da educação, se relaciona à idéia de busca de um ideal que se consolida através da construção de uma tradição ideológica, muito presente entre os educadores ambientais e que, neste ponto do diálogo reflete a busca de um objetivo comum que inclui a educação (escolar e os diversos espaços educativos) como estratégica para a “melhoria da sociedade” e para a superação da crise socioambiental.

Vejam os alguns exemplos, que surgem em momentos distintos da trajetória formativa e profissional. Dois memoriais o citam quando da descrição das lembranças pré-universitárias. A princípio estão relacionados a uma visão de amor e interação com a natureza - *“Aprendi a amar a natureza e a construir a consciência de que sou membro de uma das espécies que vivem sob a terra (...)”* - ou no momento de traçar uma trajetória profissional motivada pela perspectiva de trabalho na área da ecologia, sob a ótica da preservacionista e de “propiciar” consciência ambiental aos seus interlocutores - *“A Ecologia oferecia então possibilidades de trabalho com preservação ecológica e conscientização ambiental de populações, (...)”*.

O discurso sobre a construção da consciência está também presente a partir da apresentação da formação (inicial e pós-graduação) dos educadores, em quatro memoriais (com seis enunciados). Dividem-se em ações diversas, desenvolvidas junto a comunidades através de experiências de extensão no período de estágio e um caso como projeto escolar, na culminância de atividades educativas. Destacamos dos enunciados, alguns exemplos³:

“O projeto de extensão desenvolvido no Vale do Ribeira por dois anos e meio, tendo inicialmente por objetivo a “conscientização” da população ribeirinha quanto ao grave problema da verminose, que grassava absoluta na região, provocou não só a criação coletiva de atividades educativas para os moradores, como a aproximação e o diálogo mais estreito com estas pessoas” (MEMO 4).

“Foi assim então que descobri uma das primeiras aplicações (e a mais difundida) da Educação Ambiental: auxiliar na conscientização ecológica das pessoas” (MEMO 5).

“A fim de mais aproximar a comunidade da escola, a peça foi apresentada para o público local, inclusive com o objetivo de conscientizar a comunidade sobre a necessidade de acabar com várias lixões ali existentes. O trabalho deu ótimo resultado: os lixões desapareceram” (MEMO 10).

Ainda na formação inicial encontramos o exemplo do memorial 12, onde se

³ As citações dos enunciados não sofreram qualquer tipo de adaptação, sendo cópias dos memoriais. Para efeito de identificação apresentamos os memoriais numerados, sendo que cada número indica um Educador Ambiental em particular.

destaca o registro da fala de uma formadora de professores que, sendo entrevistada pelo educador ambiental, deixa-lhe uma ‘marca’ a ponto de ser resgatada como parte de suas lembranças. Tais lembranças destacam a idéia de que é necessário e possível “salvar o planeta”.

“Ela falou sobre a importância de se preservar o meio ambiente. Houve um verdadeiro encantamento de minha parte pela professora XXX, que até então eu não conhecia, e, mais do que isso, foi quando tive o despertar para a conscientização da necessidade de realizar ações para a preservação do meio ambiente. Muito mais do que uma simples entrevista, recebi uma verdadeira aula sobre educação ambiental. Além disso, ainda pude comprovar na essência o que é a verdadeira paixão por um ideal, por um acreditar que algo pode ser feito. Foi aí que tive a certeza de que podemos transformar situações, por mais adversas que sejam.

Não posso deixar de citar uma frase da professora que foi muito importante e que carrego comigo com muito carinho: “A conscientização vai salvar o planeta, por uma reação em cadeia dos agentes multiplicadores da ecologia” (MEMO 12).

Sem pretender generalizar, apontamos que os exemplos dos quatro enunciados citados podem remeter a um discurso que tem capacidade de anular ou consumir parte do potencial crítico da EA, porque encerram a visão de que o sujeito consciente pode mudar a sociedade ou colaborar para que outros como ele se tornem conscientes e transformadores desta sociedade, excluindo ou secundarizando a responsabilidade de outros segmentos, por exemplo, “sem explicitar o diferente peso dos atores sociais (Estado, mercado, sociedade, comunidade, indivíduo) na conformação deste quadro” (Novicki, 2007, p. 140).

Mas é preciso compreender as relações para além da esfera individual, como expresso por Chesnais e Serfati, pois entendemos que no que se referem às chamadas questões ambientais “encontra-se, nada menos, do que a perenidade das condições de reprodução social de certas classes, de certos povos e, até mesmo, de certos países” (2003, p.1).

Trata-se, pois, de consciência ingênua, onde o movimento de superação “é o processo de ‘emersão’ dos sujeitos da condição de oprimidos à consciência da opressão” (Tozoni-Reis, 2007, p.203), isto é, a passagem para um processo que transcende o pensamento e alcança dimensões de ação social e política.

A despeito do reconhecimento de um acento crítico que podem assumir esta reivindicação de ‘construção da consciência ambiental’, ‘formação da consciência’ e ‘conscientização’, neste trabalho ainda em curso, nos propomos a problematizar o alcance teórico e político que este acento tem assumido no campo educacional, em geral, e no campo ambiental, em particular. Partimos do suposto tão claramente expresso por Brügger (1994) de que

“É preciso reconhecer que só educação quer tenha ela o adjetivo “ambiental” ou não, não será suficiente para dar conta dos complexos problemas que nos desafiam neste final de século. Reconhecer os limites da educação é uma necessidade que se relaciona, entre outras coisas, com o fato de haver hoje, mais do que nunca, uma tendência

em se dividir desigualmente os problemas “ambientais” e que embora uma mudança nas idéias possa gerar uma mudança nas condições materiais, só o mundo das idéias é insuficiente para concretizar determinadas mudanças materiais”.

Nesta direção, nos chamou a atenção, a par da existência deste registro discursivo, o desconhecimento ou não apontamento dos limites do trabalho da educação e da EA. Parece-nos que há uma tendência ao estabelecimento de uma EA comportamental e individualista (Novicki, 2007), em que o processo educativo tem como objetivo central a produção de conhecimentos e a formação dos sujeitos sem que se estabeleça uma crítica ao sistema capitalista, sem uma crítica ao modelo societário. Assim, acredita ser possível uma interferência nas motivações das ações individuais através de processo racional, a partir do conhecimento sobre o meio ambiente e da chamada conscientização. Portanto, “acredita que a transformação da sociedade é consequência da transformação de cada indivíduo” (Guimarães, 2004, p.46).

Consciência limitada do caráter classista da escola capitalista: questão ideológica.

Iniciamos pela análise da educação a partir da contribuição de trabalhos clássicos do marxismo, em seguida, passamos aos trabalhos recentes do mesmo campo teórico que têm mostrado os limites da defesa de pedagogias críticas a partir da educação, da escola em geral e da escola pública, em particular (Portugal, 2007 e 2008 e Saes, 2005). A partir das reflexões teóricas estabelecidas, desdobramos novas questões para investigação.

Autores clássicos do campo do marxismo se referem ao problema da educação a partir da obra de Marx (Althusser, 1985; Gramsci, 1995, 2004; dentre outros). O próprio Marx, apesar de não ter como objeto de estudo a educação, procurou na *Crítica ao Programa de Gotha* explicitar a centralidade que atribuía a educação para “o desenvolvimento de uma outra sociedade” e seu pensamento sobre o que considerava fundamental para a organização de um projeto educativo. Entretanto, esta referência não autoriza a reivindicação de uma ação educativa como suficiente para a construção de “uma outra sociedade”. Não é possível ignorar que nos termos marxianos, esta educação tem um sentido revolucionário, de organização da classe trabalhadora para tomada do poder e, também, que esta outra sociedade tratou do estabelecimento de relações sociais em outras bases que as vigentes então, numa sociedade comunista.

Na ausência de considerações mais políticas que econômicas, identificamos que o legado teórico de Marx historicamente deu margem a interpretações distintas. No âmbito deste trabalho, nos alinhamos à interpretação denominada estruturalista, em polarização a uma interpretação humanista, para o que consideramos importante registrar dois aspectos: primeiro, que este alinhamento não resulta de posicionamento meramente teórico, mas de nossa experiência pedagógica; e segundo, que este posicionamento teórico, mais evidente em Louis Althusser, tem sido adensado recentemente por distintos autores - Portugal (2007); Trópia, (2009); Saes (2005) e Handfas (2008) - que têm buscado explicações significativas para, entre outras questões, posicionamento de esquerdas acerca de “problemas crônicos” da escolarização brasileira. Para uma exposição mais elucidativa desta nossa perspectiva, resumizamos

brevemente alguns dos problemas enfrentados por dois destes autores e em seguida, as assertivas comuns com as quais operam que nos trazem elementos para a problemática que formulamos.

Portugal (2007) mostra que na produção contemporânea de conhecimento de inspiração marxista sobre educação vigoram reivindicações de cunho reformista orientadas por uma tradição humanista, filosófica do marxismo. A autora assinala duas reivindicações desta tradição das quais nos interessa mais diretamente uma delas - contra uma educação predominantemente técnica, a defesa de uma “educação politécnica”, educação que potencialize distintas dimensões do humano, em associação à defesa de uma escola pública e unitária. A autora reconhece severos limites, limites de classe na luta por este ideário que se relaciona a interesses de classe média, a aristocracia operária para usar o conceito marxista-leninista. Problemático para a autora é o abandono no horizonte deste ideário da luta socialista e da dimensão revolucionária de lutas sociais, em favor de uma luta por melhoria de condições de vida e de trabalho no âmbito do capitalismo. No que tange à problemática que levantamos sobre formação/ construção da consciência ambiental, as considerações da autora nos levam a indicar dois limites que podem ser associados: por um lado, os graves riscos de natureza ideológica que envolve a defesa da EA através de educação institucionalizada, de uma escola pública, conformada ao Direito burguês; por outro, a opção pelo distanciamento do debate ambiental em relação ao debate sobre o modo de produção vigente, de suas forças produtivas e de suas relações sociais de produção.

A respeito do primeiro limite que a autora aponta - a defesa de uma “educação politécnica”, educação que potencialize distintas dimensões do humano - é em Saes (2005) que encontramos melhor desenvolvido o caráter classista desta reivindicação. Através do exame rigoroso de teses de estruturalistas – Baudelot e Estabelet; Bourdieu e Passeron – o autor formula uma contribuição original ao dizer os motivos pelos quais a classe média defende uma escola pública e obrigatória sem contudo, ser seu interesse orgânico usufruí-la. Este interesse ao mesmo tempo garante aliança da classe trabalhadora manual nas lutas pelos direitos sociais e também permite converter o mérito (caráter meritocrático) e não o dom ou o favor como credencial para ocupação de posições sociais mais elevadas na “hierarquia do trabalho”. É importante registrar que a defesa da escola estatal obrigatória guarda estreita relação com a natureza histórica e não espontânea da distinção do trabalho não manual em relação ao trabalho manual. Para que a classe média se mantenha é necessário “promover sua valorização econômica e social” e ela o faz através do “mito da escola única” (idem).

A partir destas referências, compreendemos uma recente aceitação do campo acadêmico da educação brasileira e também da EA através da reivindicação de uma educação pública, de uma escolarização pública que parece ignorar o caráter classista do estado capitalista, o que se faz em contraponto a considerações de Louis Althusser sobre escola e ideologia, autor de referência de Portugal (2008) e Saes (2005). Por sua vez, as críticas desses autores nos dão elementos para compreender que interesses de classe se expressam de modo não evidente nos ideários profissionais e muito provavelmente, o campo da educação ambiental não escapa a esta lógica, o que pode afetar inclusive o “discurso de construção da consciência”, ou ainda, mais profundamente, orientá-lo. Se este discurso, por seu caráter ideológico, ao fim e ao cabo, pode revelar-se uma falácia, temos entendido que um exame rigoroso de categorias como “consciência”, “classe”, “estado” e “ideologia” pode revelar-se fecundo no plano teórico-político para a luta acerca da temática socioambiental. Entendemos que pode haver virtudes pelo fato histórico da EA não ser incorporada de modo pleno ao aparelho ideológico de estado

escolar⁴.

Se estivermos corretas, seriam algumas organizações, convencionadas sob a rubrica “movimentos sociais”, aquelas em que poderiam ser experimentadas ações pedagógicas críticas em face da temática ambiental? Por outro lado, a defesa da profissionalização da educação ambiental, que poderia estender a educadores ambientais direitos do trabalho de educadores conquistados na luta contra o capital, não conduziria ao mesmo tempo a uma subsunção de conteúdos e práticas educativas ambientais à lógica do aparelho escolar? Por fim, diante destas nossas considerações, seria possível que parte do campo acadêmico da EA se posicionasse em favor da superação de idealismos através do investimento crítico, auto-crítico e de formação no sentido althusseriano de reconhecer (ideologia) para conhecer (teoria) relações entre problemática ambiental, estado, educação e sociedade capitalista ?

Conclusões provisórias

Assim, todos, juntos, continuavam a sua vida cotidiana, cada um a seu modo, com ou sem reflexão; tudo parecia seguir o seu rumo habitual, como em situações extremas, nas quais tudo está em jogo, e a vida continua como se nada acontecesse.

Goethe

Como esperamos ter deixado evidente, nos memoriais com os quais dialogamos e que estabelecemos como ponto de partida para início desta investigação, o “discurso sobre a consciência” nos parece consciência subjetiva, envolta no desejo de poder contribuir para as mudanças das contradições socioambientais do capitalismo, mas sem refletir uma posição de classe em luta organizada sob bases que confrontem a ideologia dominante. No âmbito deste discurso, pensa-se ser possível transitar de uma consciência individualista, centrada no sujeito, no sentido de que o indivíduo transforma a sociedade, para um movimento de construção coletiva da consciência e, mais especificamente, da consciência ambiental.

Ainda no plano ideológico, outro problema que tal registro levanta é o acento do papel do educador profissional refletindo o que Sacristán (1999) denomina de “ocultação ideológica”, de caráter consciente ou não, das reais condições dessa prática e que redundam na “hiper-responsabilização” (idem) atribuída aos docentes pela sociedade e, algumas vezes, interiorizada e assumida como verdade pelos mesmos.

Este discurso da mudança social pela via da educação/EA reforça o caráter antropocêntrico da relação humano-natureza, baseada na visão de que “os homens que destruíram o planeta” podem agora salvá-lo. Fica de fora, por exemplo, a discussão sobre o papel que a ideologia assume em tal perspectiva, como analisado por Layrargues (1998 e 2002) e também por Lowy (1991). Reforça também um caráter

⁴ Vale esclarecer que para Althusser (1985) todo o sistema de ensino escolar, incluindo as universidades e as pós-graduações, nas esferas pública ou privada, em todos os níveis, são aparelhos ideológicos de Estado.

transformador pela via educativa/escolar que tem se mostrado pouco eficiente na consolidação de transformações societárias em prol da classe trabalhadora.

Sem descartar a importância do potencial crítico desse discurso, consideramos necessário ir além desta perspectiva que nos parece eivada de humanismo e marcada por abstrações vazias, equivocadas, abstrações que Marx e Engels já criticavam em *A Ideologia Alemã*. Preferimos nos posicionar junto ao materialismo histórico que entende que a “luta” entre humano e natureza não é fruto de um pensamento idealista e abstrato, mas resultado de um determinado modo de produção. Sem abdicar da tarefa grandiosa que este discurso encerra, supomos haver relação entre a busca por formação crítica e a tarefa de resolver os impasses da complexa questão socioambiental.

Nesse sentido, entendemos que as questões com as quais devemos nos defrontar devem ser outras. A persistência da problemática “formação de uma conscientização sócio-ambiental”, “formação de uma consciência ambiental” nos soa semelhante à parte da crítica de Marx ao idealismo alemão, mais exatamente contra Feuerbach, resumida que está na décima primeira tese: “Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é *transformá-lo*”. Tal tese tem lastro no materialismo histórico que vai sendo construído na trajetória de Marx e do marxismo e vai sendo desenvolvida em *A Ideologia Alemã* e também no volume 1 de *O Capital*.

“Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência” (Marx, K. *O Capital*, Vol I, p.25).

Sublinhamos nossa impressão de que o idealismo subjacente ao discurso da construção da consciência não se concentra no campo da educação ambiental, mas é relativo ao campo mais geral da educação, mas que no desenrolar cotidiano, mais se assemelha do que se distancia das mesmas contradições. Nesta direção, a referência a Goethe em nossa epígrafe final soa como convite a identificar que na consolidação do campo da educação ambiental, nossa contribuição propõe questões *extremas, nas quais tudo está em jogo*, evitando que a vida continue como se nada acontecesse.

No que se refere aos desdobramentos das pesquisas que realizamos e do andamento de novas investigações de nosso grupo de pesquisa, é nossa intenção aprofundar análises mais detalhadas sobre educação e processos de transformação socioambientais, visto que

“Primeiramente, cabe salientar que não obstante os diferentes

objetivos que lhes são atribuídos, a educação tem sido considerada por distintas correntes de pensamento como um antídoto aos problemas individuais e sociais, seja pelas correntes de pensamento que se destinam a conservar a sociedade existente, ou por aquelas que pensam em apenas aperfeiçoá-la, reformá-la, sem contudo transformar sua estrutura fundamental.

Nesse sentido, no âmbito da sociedade capitalista, podemos afirmar que a escola atende aos interesses políticos da classe dominante, bem como aos interesses econômicos do operariado. Para os primeiros, trata-se de garantir a reprodução das condições econômicas, políticas e ideológicas do capital, tendo em vista a sua conservação no poder. Para o operariado, trata-se de absorver da escola os elementos que podem ampliar as suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho, ou mesmo a um trabalho informal” (Handfas, 2008, p.100).

Sob tal perspectiva, a educação institucionalizada e classista interdita um sentido revolucionário e tem revelado seu papel conservador; no/do modo de produção capitalista, conservador e reproduzidor das relações de produção de valor, através da extração de mais valia.

Nesta direção, incluímos a necessidade de aprofundamento do debate que aqui iniciamos; ainda desafiadas a pensar educação/ EA desdobramos nossos esforços de pesquisa no sentido da apropriação rigorosa do conceito de classe em Marx e, posteriormente, do debate acerca da atualização deste conceito no campo do marxismo para o enfrentamento de problemáticas referentes à consciência de classe.

Neste momento, prevê-se como desdobramento desta questão mais geral, o aprofundamento de análises em torno da categoria “conscientização ambiental”: há interação entre estes aspectos, ou seja, a “conscientização” ambiental ou “conscientização” socioambiental resultam de uma conscientização do caráter classista da sociedade capitalista? Opera-se ou imagina possível operar a partir de uma pauta que insere a questão ambiental na dinâmica da organização da classe proletária em direção ao fim de sua exploração?

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 10ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, V.N.) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3ª edição. São Paulo: Editora HURITEC, 1986.

BRÜGGER, Paula *Educação ou adestramento ambiental?* Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

CHESNAIS, François, SERFATI, C. “*Ecologia*” e condições físicas de reprodução social: alguns fios condutores marxistas. *Crítica Marxista*. nº 16. São Paulo: Editora Boitempo, 2003.

GRAMSCI, Antonio *Cadernos do cárcere*, volume 1, 3ª edição. Rio de Janeiro:

- Civilização Brasileira, 2004.
- _____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- GUIMARÃES, Mauro. *A formação de Educadores Ambientais*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2004.
- HANDFAS, Anita. *Uma leitura crítica das pesquisas sobre as mudanças nas condições capitalistas de produção e a educação do trabalhador*. Niterói: Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense (Tese de Doutorado), 2008, 152p.
- _____. *Considerações sobre algumas questões teóricas e metodológicas na relação entre trabalho e educação*. IN: 30ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2007.
- LAYRARGUES, Philippe P. *A cortina de fumaça: o discurso empresarial verde e a ideologia da racionalidade econômica*. São Paulo: Annablume, 1998.
- _____. *A crise ambiental e suas implicações na educação*. In: QUINTAS, J.S. (Org.) *Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente*. 2ª edição. Brasília: IBAMA. p.159-196, 2002.
- LÖWY, Michael *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1991.
- MARX, Karl *O capital*. Vol. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- _____. *Crítica ao Programa de Gotha*. Disponível em: <C:/site/livros_gratis/gotha.htm> Acesso em: 22/07/2001.
- _____. *Teses sobre Feuerbach, 1845*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>> Acesso em: 04/07/2006.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Feuerbach. Oposição das Concepções Materialista e Idealista* IN: *A Ideologia Alemã, 1845-1846*. IN:<http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/index.htm>. Acesso em 30 de março de 2010.
- NOVICKI, Vitor Práxis: *problematizando consciência e participação na educação ambiental brasileira*. IN: LOUREIRO, C.F.B. *et al. A questão ambiental no pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.
- PORTUGAL, Adriana D. *Marxismo e Educação: marxismo e reformismo na produção de conhecimento em educação hoje*. IN: *Revista de Educação*. PUC-Campinas, n.23, p.9-19, novembro de 2007.
- _____. *Considerações acerca da atual produção de conhecimento de inspiração marxista em Filosofia da Educação: uma perspectiva marxista*. Rio de Janeiro: PROPED, UERJ (Dissertação de Mestrado), 2008, 111p.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. *Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores*. IN: NÓVOA, A. (org.) *Profissão professor*. Porto-Portugal, Porto Editora, 1999
- SAES, Décio A. M. *Classe Média e Escola Capitalista*. IN: *Revista Critica Marxista* volume 1, n. 21, p. 97-112, 2005.
- TRÓPIA, Patrícia V. *Modo de produção e educação: apontamentos sobre a educação na reprodução capitalista e na transição ao socialismo*. IN: *Germinal: Marxismo e Educação em debate*. Londrina, v.1, n.1, p.14-24, jun. 2009.
- TOZONI-REIS, Marília F. de C. *Contribuições para uma pedagogia crítica na educação ambiental: reflexões teóricas*. IN: LOUREIRO, C.F.B. *et al. A questão ambiental no pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.